

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *O Estado de São Paulo*

Class.: 35

Data *27 de maio de 1973*

Pg.: 32

Freyre quer cientistas sociais na Trans-AM

"A idéia da construção da rodovia Transamazônica é muito boa, pois ela elimina o perigo de que a Amazônia seja internacionalizada. Mas há um obstáculo grande que compromete os bons resultados da medida: os cientistas sociais não estão sendo chamados para opinar sobre a colonização".

A afirmação é do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, que inaugurou ontem sua primeira exposição de pinturas em São Paulo, na Galeria Portal. Gilberto Freyre alertou para o fato de que "vamos cair no mesmo erro da construção de Brasília. Os cientistas sociais não participaram do planejamento da cidade e ela acabou

se tornando um lugar onde o homem foi esquecido".

O sociólogo citou um velho ditado popular ("Quem nunca comeu mel quando come se lambuzou") para criticar a participação social dos bispos nordestinos: "Não tenho nada contra os bispos, eles são até interessantes, mas de repente se puseram a falar de sociologia sem entender nada disso. Seus documentos e suas exposições contêm erros incríveis, e muitos deles agem só por demagogia".

Reconhecendo que a modestia não é uma das características de sua personalidade, Gilberto Freyre disse em tom de reclamação que há muito mais inte-

resse por suas idéias e por seus trabalhos na Europa do que no Brasil.

E anunciou que, em junho, vai lançar um novo livro — "Além do apenas moderno" — sobre futurologia, "o primeiro livro desse tema escrito em língua neo-latina". Entre suas previsões, ele incluiu a de que "a novíssima geração se tornará muito mais romântica do que agora. E acredito que essa é uma esplêndida tendência, talvez pelo fato de me considerar um eterno romântico".

PINTURA

Em sua descontraída entrevista coletiva, Gilberto Freyre logo esqueceu os assuntos literários ou políticos para falar sobre o motivo de sua vinda a São Paulo — a pintura, uma atividade sua que, apesar de muito antiga, só agora está se tornando conhecida.

O sociólogo começou a pintar antes mesmo de aprender a ler e escrever. Aos oito anos, teve um professor particular de desenho e pintura, Telles Júnior. "Ele era um dos nossos grandes pintores convencionais. Mas me desanimou muito, porque pedia que eu copiasse uma laranja e eu deformava tudo".

Depois disso, Gilberto Freyre continuou a pintar, mas só no ano passado fez sua primeira exposição em Recife, a convite de amigos. Ele diz: "Quando começaram a comprar meus quadros, fiquei espantadíssimo. Achava o preço ótimo. Mas os amigos diziam que os quadros valiam mais, e agora já aumentei um pouquinho".

Na Galeria Portal, estão expostas 40 telas de Gilberto Freyre, que podem ser compradas por preços que variam entre três e quatro mil cruzeiros. O tema constante é a requintada casa de engenho: "sou muito sensível ao passado", diz o pintor. Seus quadros têm tintas leves e cores suaves. Apesar da falta de perspectiva nas pinturas, Gilberto Freyre não se classifica como pintor primitivista: "Não sou ingenuo nem primitivo. Minha pintura é sofisticada em técnica e em conteúdo. Minha sofisticação vem desde a infância: eu sou, certamente, o único menino de província brasileiro que aprendeu a ler e escrever em inglês".



Gilberto Freyre: na pintura, o reencontro da infância